



DO ASSENTAMENTO À UNIVERSIDADE: PERFIL DO(A)S ASSENTADO(A)S DA REFORMA AGRÁRIA NO SERTÃO DO RIO SÃO FRANCISCO, DELMIRO GOUVEIA, ALAGOAS, 2010-2019

Aline Oliveira da Silva¹
José Vieira da Cruz²

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de discutir o perfil do(a)s jovens assentado(a)s da reforma agrária no Sertão do Rio São Francisco, no município de Delmiro Gouveia, Alagoas, entre 2010 e 2019. Perfil ressignificado a partir do processo de expansão do ensino superior e tecnológico ocorrido nas primeiras décadas do século XXI. Em particular, através da criação de *campi* universitários e de *campi* de institutos federais em diferentes regiões e municípios do país. Neste contexto, as experiências de formação e os horizontes de expectativas do(a)s jovens assentado(a)s da reforma agrária passam por um processo de especialização. Dentro deste escopo, a presente pesquisa analisa os dados coletados a partir da aplicação de um questionário, também denominado de *survey*, aplicado à partir da ferramenta *Google forms*, respondida por doze jovens de assentamentos da reforma agrária do município de Delmiro Gouveia que ingressaram em instituições de ensino superior ou de ensino tecnológico, entre 2010 e 2019. Em torno dessa delimitação espaço-temporal e do diálogo com as fontes e bibliografia consultadas, este texto descortina perfis profissionais destes jovens, bem como alguns horizontes de expectativas destes em relação aos assentamentos e a sociedade.

Palavras-chave: juventude, ensino superior, reforma agrária

Introdução

Algumas leituras de imagens produzidas pelos meios de comunicação a respeito do(a)s assentado(a)s da reforma agrária no Brasil tendem a evocar estereótipos quanto às suas ações sociais e políticas³. A este respeito, são frequentes, por parte de alguns setores da mídia e da sociedade, tentativas de associação dos participantes de movimentos relacionados a reforma

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História PPGH/UFAL.

² Doutor em História Social, professor adjunto IV da UFAL, membro PPGH/UFAL.

³ FIGUEIREDO, Yuri Gomes; CALBINO, Daniel. “À imagem do MST pela mídia e sua influência sobre a formação discursiva dos discentes de uma universidade federal”. In: **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**. Recife, v. 7, n° 2, 2018, p. 88-117.



agrária com ações de violência e de desordem pública⁴. Para Molina, parte dos meios de comunicação, costumam associar às experiências da reforma agrária e de seus partícipes, como uma faceta não ajustada da sociedade brasileira⁵. Em outra perspectiva, grupos urbanos e rurais já estabelecidos evocam a tradição, costumes, autoridade e influência para diferenciarem-se do(a)s “outsiders”, no caso, do(a)s assentado(a)s da reforma agrária.⁶

Uma imagem convencional que precisa ser problematizada é a de que os assentados da reforma agrária são trabalhadores(as) rurais têm formação incompleta, pouca experiência profissional, idade avançada e dificuldade para lidar com processos produtivos. Preconceitos alimentados tanto por determinados setores da imprensa quanto da sociedade. A (des)construção desta visão, a partir de uma história social da reforma agrária, além de necessária pode revelar outras experiências desta relação entre assentados da reforma agrária e o processo de expansão e de interiorização do ensino superior e tecnológico no Brasil nas primeiras décadas do século XXI. Neste sentido, conhecer a história dos assentado(a)s da reforma agrária do Sertão do Rio São Francisco, no município de Delmiro Gouveia, Alagoas, é uma possibilidade de descortinar um olhar sobre o legado de desigualdades sociais e de raízes escravistas, elitistas e latifundiárias de um passado próximo e ainda presente⁷.

Dentro deste escopo, estudar o perfil de jovens assentado(a)s da reforma agrária que tiveram acesso ao ensino superior e/ou tecnológico é, por um lado, uma possibilidade de descortinar experiências ainda pouco conhecidas a respeito de jovens rurais, assentado(a)s e universitário(a)s. Por outro lado, também é “estudar o Brasil em sua completude,” para além do litoral e a partir de experiências de reforma agrária deflagradas a partir do final da década

⁴ SOUZA, Eduardo Ferreira de. **O discurso de “Veja” e o MST: do silêncio à satanização**. São Paulo: PUC/SP, 2001. p.12. (Dissertação Mestrado)

⁵ Ver a respeito: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006, p.19; e em: AYOUB H. A. **Mídia e movimentos sociais: a satanização do MST na Folha de S. Paulo**. (Dissertação) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

⁶ MOURA, Roseni Aparecida de; NETO, José Ambrósio Ferreira, et ali. “Imagem de nós”: relações de estabelecidos e outsiders entre a população urbana e os assentados de reforma agrária do sul do Espírito Santo”. In: **Revista Ideas**, v. 5, n. 2, 2012, p. 66- 88.

⁷ROSSI, Amanda. “Abolição da escravidão em 1888 foi votada pela elite evitando a reforma agrária, diz historiador”. In: **BBC Brasil**. São Paulo, 13/05/2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091474?SThisFB&fbclid=IwAR1gazu3go1GTvTGzYYV_IRqwxQD_FbRsKnrNsLWuQ0iBvv9XpANaYscQQ>. Acessado em 10/10/2019.



de 1980 e das experiências da expansão do ensino superior público, ocorridas nas primeiras décadas do século XXI⁸.

Dessa forma, tão necessário quanto os estudos sobre a história agrária no Brasil, em sentido econômico, são os estudos dos diferentes sujeitos que a tecem, a exemplo do(a)s jovens rurais, assentado(a)s da reforma agrária e estudantes universitário(a)s. Entretanto, os estudos a este respeito são recentes, preliminares ou ausentes. Um exemplo são os estudos sobre o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes universitários que ainda não contemplam dados a respeito⁹. Essa constatação torna ainda mais importante o desenvolvimento de pesquisas que tenham como foco descrever o perfil desses jovens rurais? Que experiências sociais eles trazem? Que horizontes profissionais aspiram? Como eles se relacionam com as expectativas futuras do(s) assentamento(s)? Como o acesso ao ensino superior e/ou tecnológico superior impacta suas experiências?

Dentro desta perspectiva, na qual estamos denominando como universitário(a)s tanto estudantes de cursos de graduação e de pós-graduação quanto de cursos tecnológico superior, a análise dos dados coletados a partir da aplicação de um questionário, tipo *survey*, aplicado através da ferramenta *Google forms*, a um universo de doze jovens assentado(a)s, de quatro assentamentos do município de Delmiro Gouveia, em Alagoas, no Sertão do Rio São Francisco: Lameirão, Genivaldo Moura, Jurema e o Nova Esperança. Em relação ao último assentamento mencionado, o Nova Esperança, apesar de situado no município vizinho de Olho D'água do Casado, por estar na zona de influência dos demais assentamentos, também está incorporado o escopo espacial desta pesquisa. Afinal, assim como os marcos temporais podem, devidamente fundamentados nas fontes, desvincula-se de cronologias políticas convencionais, os limites territoriais oficiais, por não darem conta das redes de sociabilidade, identidade e territorialidades podem ser flexibilizados.¹⁰

⁸ BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **A democratização e expansão da educação superior no país 2003-2014**. Brasília: Governo Federal, 2014. Disponível em: <portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2014-pdf/16762-balanco-social-sesu-2003-2014>. acesso em setembro de 2019.

⁹ Ver a respeito em: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior**: INEP, 2019; e em: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese dos Indicadores Sociais**. Brasília: IBGE, 2018.

¹⁰ SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular/UNESP, 2008.



1 Horizontes abertos pela expansão do ensino superior

No decurso das duas primeiras décadas do século XXI, o fomento de políticas como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e a expansão dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs) permitiram ampliar o acesso ao ensino técnico, tecnológico e superior. Em particular, para estudantes das redes públicas de ensino e, dentre estes, estudantes negros, quilombolas, índios e pardos.¹¹

Em Alagoas, em particular no Sertão do Baixo do Rio Sertão Francisco, dentre os frutos da “política de expansão e de interiorização, iniciada em 2008, juntamente com o movimento em defesa do ensino superior na mesorregião, resultou na criação do Campus do Sertão em 2010”¹², localizado no município de Delmiro Gouveia. Dentro desse contexto, o Campus Sertão, foi pensado para atender estudantes tanto do Sertão de Alagoas quanto de estados circunvizinhos: Bahia, Sergipe e Pernambuco¹³. Criado em 2010, o referido campus vem atendendo estudantes das regiões mencionadas e, dentre eles, jovens rurais de assentamentos da reforma agrária do município de Delmiro Gouveia. Sob este aspecto é importante frisar que o referido município foi um dos primeiros espaços de disputa por reforma agrária em Alagoas no contexto das mobilizações sociais, debates constitucionais e lutas políticas tecidas entre as décadas de 1980 e de 1990.

Em relação às instituições de ensino, os dados tabulados junto ao universo jovens rurais, assentado(a)s da reforma agrária e universitário(a)s pesquisados registram que o maior número deles, com 83,3% das respostas, tiveram acesso ao ensino superior em cursos ofertados pela UFAL. Como se pode observar no gráfico com respostas sobre as instituições de ensino:

¹¹ FONAPRACE. **V pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação e pós-graduação das universidades federais**. Brasília, 2019, p. 08.

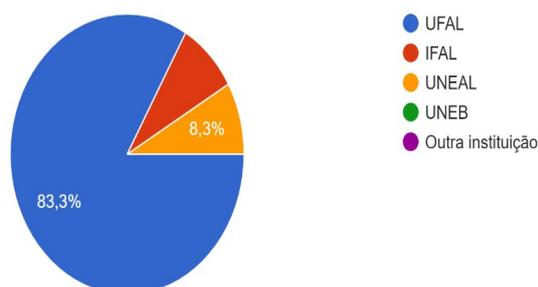
¹² GAIA, Cristina Rodrigues. **Florescendo na pedra: o ensino superior público federal em Delmiro Gouveia/Sertão de Alagoas, 2008-2013**. UFAL: Campus do Sertão, 2014. (Monografia de graduação). p. 12.

¹³ GAIA, Cristina Rodrigues. Op. cit. p. 12.



Você estuda ou estudou e qual instituição de ensino superior?

12 respostas



Os dados analisados identificam também uma estudante da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Esta estudante, em particular, graduou-se em Ciências Biológicas Licenciatura, curso destinado para professores de educação básica ofertado pelo Programa Especial para Graduação de Professores (PGP). Programa destinado a oferecer uma formação inicial e continuada a professores da educação básica¹⁴.

Já os dados correspondentes aos estudantes do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Campus Piranhas, referem-se a um assentado que frequentou o curso técnico em Agroecologia. O referido instituto federal, também foi criado em 2010, no contexto da expansão dos Institutos Federais de Ensino, para oferecer cursos técnicos de Agroindústria, Agroecologia entre outros¹⁵. Observa-se, portanto, a partir da tabulação desses dados um dos efeitos das políticas de interiorização das universidades, institutos federais e programas de especiais de graduação para professores em Alagoas.

Inserido neste contexto, a amostra do universo pesquisado, doze jovens rurais assentado(a)s da reforma agrária e estudantes universitários, revela, entre os anos de 2010 e 2019, período correspondente ao processo de expansão e de interiorização da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) na região, a presença destes em diferentes cursos dessas instituições. Em relação a UFAL é ilustrativo o indicativo

¹⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Programa Especial para Graduação de Professores (PGP)**. Disponível em: www.uneal.edu.br/programas/pgp. Acessado em 16/09/2019.

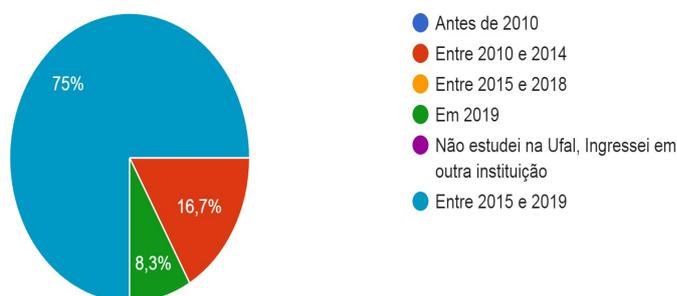
¹⁵ INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS. **História**. Disponível em: https://www2.ifal.edu.br/campus/site/campus_piranhas/o-campus. Acessado em 16/09/2019.



de que 75% dos estudantes que participaram desta pesquisa ingressaram na UFAL entre 2015 e 2018, como pode ser observado na tabulação de dados da pergunta:

Caso você estude ou tenha estudado na UFAL identifique o ano de ingresso?

12 respostas



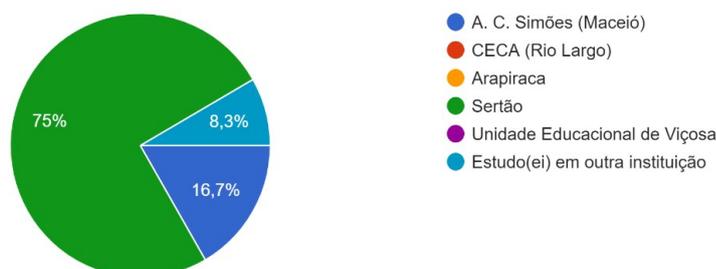
Em relação a situação de matrícula destes jovens rurais, no momento em que esses dados foram coletados, a grande maioria deles estavam matriculados e com seus cursos em andamento, um total de 83,3%. A pesquisa registra também que 8,3%, um desses estudantes, desistiu de continuar o curso que estava matriculado.

A presente pesquisa possibilitou também detalhar mais a informação de que 83,3% dos jovens rurais, assentados da reforma agrária e estudantes universitários do universo estudado tiveram acesso ao ensino superior através da UFAL, por *campi* ou unidade de ensino da instituição. Dentro deste recorte, *campi* e unidade de ensino, constatou-se que 75% das matrículas vincula-se ao Campus do Sertão-sede, município de Delmiro Gouveia. Chama atenção também o número de matrícula vinculadas ao Campus A. C Simões, em Maceió, em parte associada aos cursos de pós-graduação.



Caso você estude ou tenha estudado na UFAL identifique em qual campus?

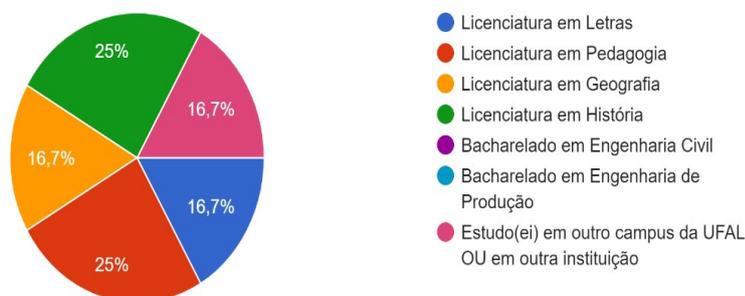
12 respostas



Em relação aos cursos frequentados por esses estudantes na UFAL - Campus do Sertão, os dados abaixo revelam a distribuição da matrícula de curso:

Caso você estude ou tenha estudado na UFAL/Campus do Sertão identifique o curso?

12 respostas



Os dados analisados revelam que 100% dos estudantes participantes da pesquisa são provenientes de escolas públicas. Destes, 91% nasceram em Alagoas. Quando a condição de gênero, 66% se identificam no gênero feminino¹⁶. Sob este aspecto, esta pesquisa registra um movimento de aumento da escolarização das mulheres do campo em contraposição ao

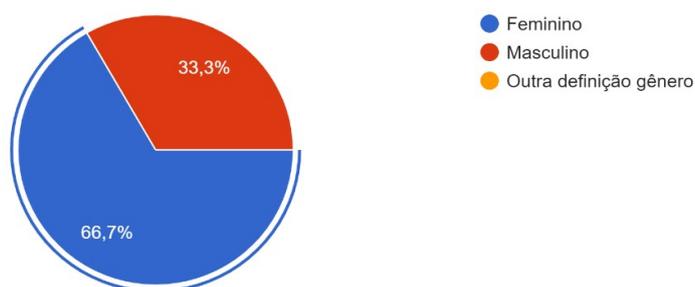
¹⁶ SILVA, Aline Oliveira; CRUZ, José Vieira da. **Questionário do assentamento à universidade: perfil do(a)s assentado(a)s da reforma agrária no Sertão do Rio São Francisco, Delmiro Gouveia, Alagoas, 2010-2019.** Maceió: PPGH/UFAL, 2019.



percentual de escolarização masculina¹⁷. Estes indicativos, a exemplo da exposta sobre a questão de gênero, demanda pesquisas específicas e mais aprofundadas.

Qual o seu gênero

12 respostas



Em relação à questão de raça e/ou etnia 50% dos jovens rurais, assentados da reforma agrária e estudantes universitários pesquisados se declararam negros e 8% indígenas. A este respeito, pesquisas do Fórum de Pró-reitores de Assistência Estudantil (FONAPRACE), sobre o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes universitários, apontou que aumentou número de estudantes negros nas IFES. Mudança associada à implementação de políticas afirmativas de acesso e permanência ao ensino superior, técnico e tecnológico¹⁸. Pode-se considerar também entre os fatores para esse aumento a interiorização de instituições de ensino superior e técnicas. Na região pesquisada, município de Delmiro Gouveia, o processo de interiorização do ensino superior e técnico superior possibilitou o registro de acesso de jovens negros, indígenas e de assentados da reforma agrária. O gráfico etnia, exposto a seguir, traça uma leitura preliminar sobre esta discussão.

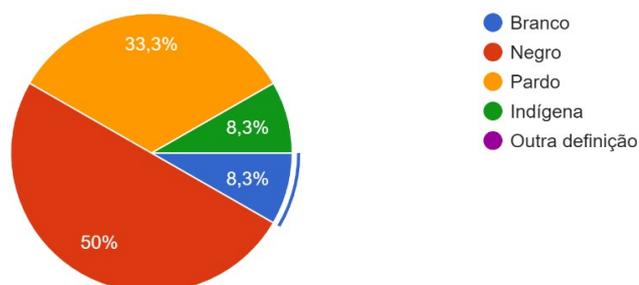
¹⁷ MENEZES, Anísia Eduarda Nergues; SOUZA, Bruna da Silva; PEREIRA, Viviane Souza Santos. **Perspectivas da juventude rural no ensino superior**. VI Colóquio Internacional. São Cristóvão- SE, setembro de 2002, p. 6.

¹⁸ FONAPRACE. **V pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação e pós-graduação das universidades federais**. Brasília, 2019, p. 09.



Qual a etnia que você se autodeclara ou se identifica?

12 respostas



Em relação a renda, os dados sistematizados registram 75% dos estudantes pesquisados declararam receber até um salário mínimo¹⁹. Dados que se assemelham aos divulgados pela FONAPRACE, que mais da metade dos estudantes das IFES vive em famílias com renda per capita mensal de até um salário mínimo.²⁰

A pesquisa realizada debruçou-se também sobre a condição de residência destes jovens em relação aos seus respectivos assentamentos de origem. Neste sentido, os dados registram que 58,3% destes jovens residem nos assentamentos, portando na zona rural. Este dado evidencia que a proximidade das instituições de ensino técnica, tecnológica e de ensino superior, em regiões do interior do país podem contribuir para fixar à população no campo, incluindo os jovens, e desestimular o êxodo rural e a migração para as cidades.

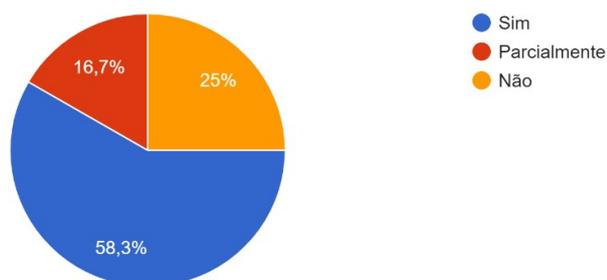
¹⁹ SILVA, Aline Oliveira; CRUZ, José Vieira da. **Questionário do assentamento à universidade: perfil do(a)s assentado(a)s da reforma agrária no Sertão do Rio São Francisco, Delmiro Gouveia, Alagoas, 2010-2019.** Maceió: PPGH/UFAL, 2019.

²⁰ FONAPRACE. Op. cit.



Você reside no assentamento?

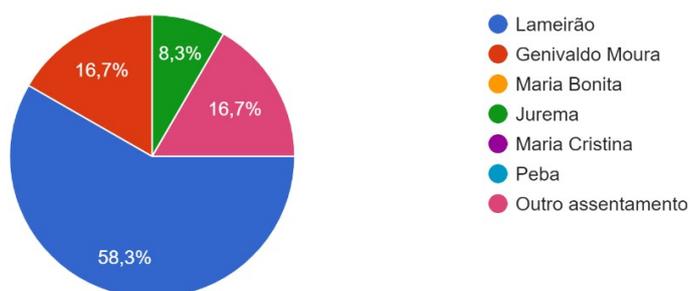
12 respostas



Em relação aos jovens rurais, assentamentos da reforma agrária e estudantes universitária pesquisados, os dados apontam que o maior número deles, 58,3% da amostra, residem no Assentamento Lameirão, município de Delmiro Gouveia, um dos primeiros assentamentos de reforma agrária da região²¹.

Em que assentamento você reside ou já residiu?

12 respostas



Em relação as políticas de permanência no ensino superior no âmbito da UFAL, instituição com maior percentual dentre os estudantes pesquisados. Os registros apontam que 83% tiveram ou têm acesso há algum tipo de política de permanência ou de estímulo à docência, pesquisa e/ou extensão, dentre as quais, as seguintes bolsas: pós-graduando, PIBIC,

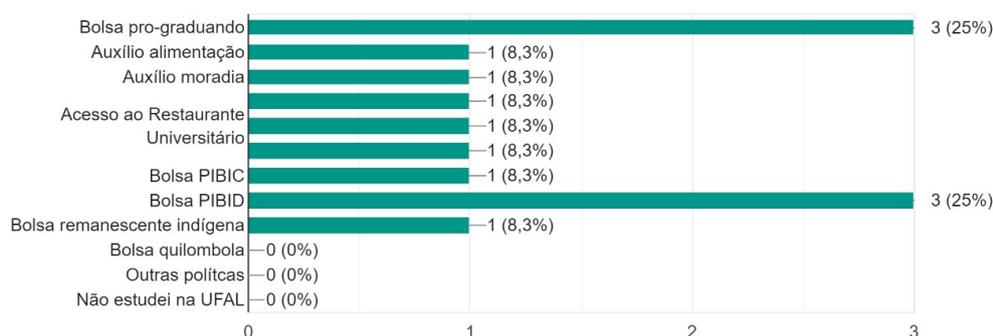
²¹ SILVA, Aline Oliveira. **A luta pela terra no sertão do rio São Francisco: a experiência do assentamento lameirão**, Delmiro Gouveia, Alagoas, 1989-2014. UFAL: Campus do Sertão, 2019, p.33. (Monografia de graduação).



PIBID, remanescente indígena, auxílio moradia, auxílio alimentação, acesso ao restaurante universitário, dentre outras.

Você teve acesso há alguma política de estímulo a permanência ou inclusão de acesso ao ensino superior no âmbito da UFAL

12 respostas



As políticas de permanência estudantil são medidas relevantes que garantem a continuação e conclusão do ensino superior, em especial do(a)s jovens assentado(a)s que se deslocam dos seus assentamentos para a cidade, em alguns casos se deslocando diariamente ou mudando-se temporariamente para a cidade. No entanto em alguns casos mesmo com acesso a essas políticas estudantis alguns jovens assentados da reforma agrária não conseguem permanecer nas universidades ou nos institutos federais. O trajeto do assentamento a universidade é também um processo de superação de barreiras culturais, sociais e econômicas. As distâncias, muitas percorridas em estradas de chão, em transportes caros, precários e inseguros, soma-se a luta primeira pela existência em meio ao vermelho incandescente poente do Sol do Sertão. Especificidades que exigem atenção, políticas públicas e estudos aprofundados.

2 Jovens rurais, assentado(a)s da reforma agrária e estudantes universitário(a)s

Poucos trabalhos têm se preocupado em traçar um perfil para essa juventude que desponta no campo, em particular, da população de jovens dos assentamentos da reforma agrária. Uma juventude que, nas últimas décadas, têm tido acesso ao ensino técnico, tecnológico e superior. Neste contexto, apesar de algumas pesquisas mostrarem que a



população do campo está envelhecendo, o registro de relativo número de jovens nos assentamentos indica a necessidade de investimentos na sua formação. A exemplo, em pesquisa recente sobre o Assentamento Lameirão, observou-se que a população desse assentamento é relativamente jovem e tem, aos poucos, adentrado em cursos de graduação e pós-graduação no ensino superior público federal²².

Dentre as definições de juventude, alguns parâmetros são norteados a partir das condições biológicas e de acordo com o Estatuto da Juventude²³. Nessa perspectiva, um jovem seria um sujeito cuja faixa etária estaria entre 15 e 29 anos. Fase em que o indivíduo, em termos psicológicos, define parâmetros educacionais, sociais e culturais constitutivos de sua identidade política²⁴.

Para Bourdieu, a juventude é construída a partir dos contextos sociais e das tensões socioculturais que podem ou não ser orientada pela faixa etária. Por outro lado, para o referido autor, a faixa etária por si não define a condição juvenil. O ser jovem é um estado de espírito que depende de distintos contextos históricos e sociais aos quais os indivíduos estão inseridos²⁵. A este respeito, a amostra dos dados pesquisados registra que 74,9% dos entrevistados estão na faixa etária entre 17 a 26 anos. Os outros 24,9% se encontram na faixa etária de 30 a 39 anos²⁶. Mas a luz das ponderações de Bourdieu, a faixa etária não é sozinha o marco determinante para definir a juventude. É preciso compreender o contexto social, econômico e cultural que a envolve.

É dentro desta perspectiva que se pode compreender, em termos qualitativos, a resposta proferida no questionário sobre ser um jovem rural assentado. A este respeito, 60% das respostas enfatizaram que são sujeitos de luta, que conhecem as estratégias de resistências dos assentamentos. Dessa forma, os entrevistados revelam ter ciência das várias interfaces de seus desafios cotidianos, dos preconceitos, dos estigmas, da marginalização e dos

²² SILVA, Aline Oliveira. Op. cit. p. 44.

²³ BRASIL. **Estatuto da Juventude**: atos internacionais e normas correlatadas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.

²⁴ A definição da faixa etária de um jovem no Brasil, é um tanto desconexa. Para a Organização das Nações Unidas (ONU), a faixa etária estaria entre 15 e 24 anos conferida à Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. No entanto, para o Estatuto da Juventude brasileira, o recorte etário seria de 15 a 29.

²⁵ BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-113.

²⁶ SILVA, Aline Oliveira; CRUZ, José Vieira da. **Questionário do assentamento à universidade**. Op. cit.



enfretamentos da condição de assentado(a)s. Uma dessas respostas, a de uma assentada do “Assentamento Genivaldo Moura”, assim descreve estes significados: “o jovem assentado luta diariamente para alcançar seus objetivos e não desiste nunca, mesmo diante de todas as dificuldades e preconceitos”²⁷.

A fala em destaque pressupõe que esses sujeitos têm ciência são partícipes de uma identidade em construção. Um identidade em construção a partir de um fazer-se de memórias coletivas e individuais e de experiências partilhadas por cada assentado e em cada assentamento, em meio ao processo de luta e resistência pela reforma agrária, por políticas públicas e por dignidade social. Para Pollak, a memória é a operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar. Ela, a memória, segundo este autor, reforça sentimentos de pertencimento, coletividade e identidade(s)²⁸.

Os outros 40% dos entrevistados ressaltaram que os assentamentos não tem garantido possibilidades de ascensão social. Em uma das respostas desta linha de argumentação foi respondido que os jovens assentados têm “poucas possibilidades, pois muitos assentamentos não pensam em programas e projetos voltados para os jovens.”²⁹ Em outro questionamento, relacionado a pretensão de permanecer no assentamento após a conclusão dos cursos de graduação, 66,6% dos jovens responderam que desejam permanecer nos assentamentos, 25% estão pensando em outras possibilidades e 8,3% não desejam permanecer³⁰.

Esses dados externalizam que esses jovens rurais, assentados da reforma agrária e estudantes universitários têm o desejo de ficar no campo. Eles compreendem os assentamentos dentro de um horizonte de expectativas sustentável, inclusivo e socialmente referenciado. Percebe-se também, a partir das respostas relacionadas aos cursos desejados, uma ênfase nas ciências agrárias: agronomia, agroecologia, zootecnia, agropecuária, engenharia ambiental e turismo³¹. Há uma espécie de consenso de que esses cursos ajudariam a potencializar as atividades nos assentamentos, seja a partir da produção de alimentos saudáveis, produção de animais de grande e de pequeno porte seja através do

²⁷ Op. cit.

²⁸ POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: **Estudos Históricos**, v.2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.

²⁹ SILVA, Aline Oliveira; CRUZ, José Vieira da. **Questionário do assentamento à universidade**. Op. cit.

³⁰ Op. cit.

³¹ Op. cit.



desenvolvimento de atividades associadas ao turismo rural, preservação do bioma caatinga e agroecológicas.

Sobre os horizontes pessoais, acadêmicos e profissionais que o acesso à universidade pública pode proporcionar, as respostas sugerem uma ampliação do campo de escolhas. Eles avaliaram que o ensino superior proporciona oportunidades de aperfeiçoamento profissional, como também, a possibilidade de repensar a sociedade a partir de uma dimensão humanística, ética e socialmente mais justa e sustentável. O acesso ao ensino superior, portanto, possibilita, na compreensão das respostas analisadas, ocupar um espaço anteriormente negado: o de cidadania. As respostas reforçam a ideia de que a universidade oferece a esses sujeitos uma carreira profissional e um (re)significado enquanto jovens rurais assentado(a)s da reforma agrária³².

Em relação a pergunta acerca das contribuições que o ensino superior pode proporcionar aos assentamentos e a região, os jovens pontuaram que ele pode: ajudar a pensar melhor a realidade social e cultural do(a)s aluno(a)s da rede pública municipal e estadual da região, realizar pesquisas científicas sobre a produção da agricultura familiar, estimular práticas agroecológicas, estimular o uso de sementes crioulas e plantio orgânicos e desestimular a utilização de agrotóxicos e de sementes transgênicas. Neste sentido, a relação da universidade com os estudantes assentados, pode resgatar e valorizar conhecimentos tradicionais dos povos da região, estimular sua organização social, cultural e política, bem como aprender com elas.

Os jovens também destacaram o desejo de organizar um banco de dados da luta pela terra na região, a partir de documentos, fotos e narrativas dos sujeitos que traçaram experiência de organização e mobilização em defesa da reforma agrária, contribuindo dessa forma na construção de uma historiografia das comunidades do interior do Brasil a partir das estratégias organizativas, produtivas e culturais.³³ Dentre as contribuições elencadas pelos jovens algumas são temas de pesquisa de monografias, artigos, dissertações e teses. Embora a análise tenha contemplado um universo reduzido de jovens, os resultados oferecem indicadores importantes sobre o perfil destes.

³² Op. cit.

³³ SILVA, Aline Oliveira; CRUZ, José Vieira da. **Questionário do assentamento à universidade**. Op. cit.



3 Considerações finais

O desenvolvimento desta pesquisa, ainda que em caráter preliminar, nos ajuda a pensar o perfil da juventude rural dos assentamentos da reforma agrária no Sertão do Rio São Francisco, no município de Delmiro Gouveia, Alagoas. Embora a amostra analisada não abranje todos os assentamentos e jovens, ela permite refletir sobre aspectos importantes do perfil desses jovens, assentado(a)s e universitário(a)s.

Uma discussão que avaliamos ser necessária nos estudos sobre o perfil socioeconômico cultural dos jovens e, em particular, dos universitários no Brasil. A primeira necessidade associada aos estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a segunda aos estudos de universidades, de fórum de pró-reitores, do MEC e de outras instituições de ensino e de pesquisa.

Referências bibliográficas

AYOUB H. A. **Mídia e movimentos sociais**: a satanização do MST na Folha de S. Paulo. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2006 (Dissertação de mestrado)

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. (p. 112-113).

BRASIL. **Estatuto da Juventude**: atos internacionais e normas correlatadas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.

BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **A democratização e expansão da educação superior no país 2003-2014**. Brasília: Governo Federal, 2014. Disponível em: <portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2014-pdf/16762-balanco-social-sesu-2003-2014>. acesso em setembro de 2019.

FIGUEIREDO, Yuri Gomes; CALBINO, Daniel. “À imagem do MST pela mídia e sua influência sobre a formação discursiva dos discentes de uma universidade federal”. In: **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**. Recife, v. 7, nº 2, 2018, p. 88-117.

FONAPRACE. **V pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação e pós-graduação das universidades federais**. Brasília, 2019.



GAIA, Cristina Rodrigues. **FLORESCENDO NA PEDRA**: o ensino superior público federal em Delmiro Gouveia/ Sertão de Alagoas, 2008-2013. UFAL: Campus do Sertão, 2014. (Monografia de graduação).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese dos Indicadores Sociais**. Brasília: IBGE, 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS. **História**. Disponível em: https://www2.ifal.edu.br/campus/site/campus_piranhas/o-campus acesso em setembro de 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior**: INEP, 2019.

MENEZES, Anísia Eduarda Nergues; SOUZA, Bruna da Silva; PEREIRA, Viviane Souza Santos. **Perspectivas da juventude rural no ensino superior**. VI Colóquio Internacional. São Cristóvão- SE, setembro de 2002.

MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

MOURA, Roseni Aparecida de; NETO, José Ambrósio Ferreira, et ali. “Imagem de nós”: relações de estabelecidos e outsiders entre a população urbana e os assentados de reforma agrária do sul do Espírito Santo”. In: **Revista Ideas**, v. 5, n. 2, 2012.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro. Estudos Históricos, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

ROSSI, Amanda. “Abolição da escravidão em 1888 foi votada pela elite evitando a reforma agrária, diz historiador”. In: **BBC Brasil**. São Paulo, 13/05/2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091474?SThisFB&fbclid=IwAR1gazu3go1GTvTGzYYV_1RqwxQD_FbRsKnrNsLWuQ0iBvv9XpANaYscQQ>. Acessado em 10/10/2019.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular/UNESP, 2008.

SILVA, Aline Oliveira. **A luta pela terra no sertão do rio São Francisco**: a experiência do assentamento lameirão, Delmiro Gouveia, Alagoas, 1989-2014. UFAL: Campus do Sertão, 2019. (Monografia de graduação).

SILVA, Aline Oliveira; CRUZ, José Vieira da. **Questionário do assentamento à universidade**: perfil do(a)s assentado(a)s da reforma agrária no Sertão do Rio São Francisco, Delmiro Gouveia, Alagoas, 2010-2019. Maceió: PPGH/UFAL, 2019.



SOUZA, Eduardo Ferreira de. **O discurso de “Veja” e o MST: do silêncio à satanização.** São Paulo: PUC/SP, 2001. p.12. (Dissertação Mestrado)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **PGP.** Disponível em: www.uneal.edu.br/programas/pgp acesso em setembro de 2019.

ZAGO, Nadir. **Migração rural-urbana, juventude e ensino superior.** Revista Brasileira de Educação. V. 21, n.64, Jan. Mar. 2016, p. 64. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000100061&lng=pt&tlng=pt